

Linhas Abertas 08 - Recife: Cidade Parque

- Quando nós começamos a fazer esse projeto as pessoas perguntavam: “Vocês vão fazer um parque em volta desse rio? Mas ele é fedido, feio”
- E nós ficamos muito impressionadas, acho que essas pessoas não estão vendo esse rio
- O Rio Capibaribe, essa bacia, ela é composta de vários outros municípios, ela nasce a vários quilômetros do Recife e em territórios completamente diferentes
- Mas é no território do Recife que ela é navegável
- É no território do Recife a partir das várzeas que ela começa a ter uma perenidade, é nesse chão que ela começa a ter essa perenidade
- Se olhamos para Recife, pro lado oeste da cidade, é uma cidade que os bairros tem muito engenho, engenho do meio, engenho de dentro, porque era um engenho, no período açucareiro do século 17 e 18 e o transporte do açúcar produzido pelo rio era feito pelo rio
- E o rio tinha essa importância econômica e também de transporte de pessoas num primeiro momento
- Com o tempo e com as variações tecnológicas e tanto na produção do açúcar, começou a surgir as usinas, como na questão do transporte urbano, com os bondes, com a marcha bonga que é uma espécie de trem suburbano, que funcionou no século 19 e o rio começando a ser deixado de lado
- Até que no século 20 ele praticamente foi esquecido
- É muito triste esse formato de ocupação que foi mudando e a cidade hoje literalmente deu as costas para o rio e ele passou a ser uma via não mais de navegação mas de dejetos
- E essa desconexão, associada ao medo, que reinante hoje na maioria das cidades cria espaços pouco favoráveis a convivência nos espaços coletivos, nas praças, nos parques
- O que levou a pensarmos nesse projeto de recuperar as margens do rio e consequentemente começar a recuperar o rio, não só a imagem mas também a importância dele na cidade, passa primeiro por isso, por esse resgate do rio como um elemento urbano
- E em segundo lugar eu diria que estamos retomando uma prática do urbanismo que é desenhar a cidade
- E o Rio Capibaribe ele serve muito bem para esse propósito porque ele é um eixo que corta a cidade, ele atinge diretamente ou quase mais de um terço da população da cidade
- Ele passa por bairros ricos, pobres, ele toca universidades, o campus
- Então o rio é um elemento fantástico para se retomar como esse estruturador de um novo pensamento do traçado humano da cidade
- E a partir dessa atitude que sabíamos que ia acontecer criamos o INCITI que era um convênio da Universidade Federal de Pernambuco com a prefeitura da cidade de Recife para estabelecer um imenso desafio que era se criar P e D, Pesquisa e Desenvolvimento Urbano, como fazer isso? Aí criou-se a metodologia P, D mais I
- Então essa pesquisa de desenvolvimento com o INCITI com a incitação, com a presença, com a prototipagem, então isso gerou uma nova maneira de colaboração, de participação
- Não era mais esse plano de cima para baixo
- Para chegar na execução teve um caminho percorrido que não foi tão curto, foram feitas várias pesquisas para entender o Rio Capibaribe desde a várzea até aqui o bairro do Recife, entender o seu ambiente natural, cultural, econômico, de vitalidade

- Então foi um trabalho de pesquisa que subsidiou a elaboração do desenho, do traço

- Esse movimento hoje, com a nova agenda urbana coloca para o mundo, que repensar a cidades a partir de valores, inclusão, de economias vibrantes, valores da resiliência, valores dessa reconciliação formando um sistema e não mais sistemas isolados
- Então isso é uma nova visão
- O Parque Capibaribe que está mais ou menos a 500 metros de um lado e 500 metros do outro porque é a distância que as pessoas tradicionalmente vão a pé, se isso de forma muito simplificada, se isso se fortalece e constitui ele pode ganhar novos territórios
- Então o Parque Capibaribe ganhando novos territórios, ele pode virar um parque da cidade por exemplo, num momento 2 e num momento 3 em 2037, essa imagem de futuro, ele constitui todo território municipal e seria uma cidade parque
- Nós percebemos que a lógica do planejamento urbano seria caminhar em direção a uma cidade parque de uma cidade que integrasse os cidadãos, as pessoas a essa paisagem natural e a essa paisagem construída também
- A cidade parque seria a expansão disso que estamos construindo de forma coletiva e de forma reflexiva, de uma forma que estamos não só chegando com a solução mas revendo as soluções para culminar num sonho
- A ideia desse urbanismo emergente, que é transversal, traz um pensamento técnico mas que está sempre articulado ao que está surgindo na sociedade, ao que observamos está em ebulição, aí trazemos essas forças para trabalhar com elas, aí conseguimos fazer uma transformação
- Eu acredito que meu primeiro contato com o rio Capibaribe foi no início do projeto do parque, quando o pessoal estava escutando vários seguimentos da sociedade que se interessariam no projeto do parque
- E como tem essa pegada muito malha cicloviária no parque, eu fui apresentar meu ciclo e apresentei mais ou menos qual é a nossa ideia que é entender a bicicleta como uma opção de mobilidade urbana
- Nós já participamos de muito eventos do parque, eu lembro que fizemos uma coisa bem legal, fizemos mais de uma vez até, os passeios com os técnicos
- Muitas pessoas que participavam do projeto do parque não tinham muita habilidade com a bicicleta e fizemos alguns passeios com a equipe técnica do projeto do parque
- Teve um dia que fizemos um caminho do que seria que ciclovia lá desde o centro até aqui no Parque Santana inclusive, passamos por aqui, pelo pontilhão e aí quando chegamos no final o pessoal já tinha pensado na dinâmica de tentar fazer um mapeamento do que fez
- Tendo o pessoal da bicicleta que acessa a cidade de um jeito diferente acaba sendo um bem muito importante para o projeto
- A Ameciclo surgiu em 2013, acho que temos umas 40 a 50 pessoas que realmente são ativas e que trabalham muito, tanto representando em reuniões oficiais ou quando fazem pesquisas
- Fizemos uma pesquisa acho que em 2015, que é uma pesquisa nacional e aí você consegue tirar alguns dados interessantes localmente
- Em Recife descobrimos que 70% dos ciclistas têm salários abaixo do mínimo, é algo que já enxergávamos, que a grande massa de ciclistas em Recife são as pessoas mais próximas, que vivem nas comunidades e que nos últimos anos que começou a crescer o uso de bicicletas

também para a classe média

- Nós já temos um pessoal querendo ir para o lado de Recife, e nós queremos garantir a segurança dessas pessoas, pois o Recife é uma cidade que se mata muito no trânsito, é um dos piores no quadro do Brasil e ciclistas e pedestres são as maiores vítimas
- Todas as cidades do mundo, mais especificamente no Brasil tem problemas seríssimos de mobilidade tanto pelo uso individual do carro, quanto pela deficiência do transporte público
- E quando pensamos em transporte não motorizado, caminhar, andar de bicicleta nós temos todos os conflitos do cruzamento desse tipo de solução com o que se exerce na maioria das cidades, o ônibus, o caminhão, a motocicleta, o carro tem um conflito latente que é muito difícil
- O rio também nos proporciona isso, porque as margens deles estão ocupadas, por muros, mas elas não são vias ou pelo menos 80% dela
- Então porque não aproveita esse espaço para você ter uma possibilidade de oferecer ao cidadão de você poder caminhar, pedalar
- Um dia, quando esse projeto estiver todo implantado eu vou sair da Universidade Federal lá no extremo oeste da cidade e chegar na área central
- Praticamente sem disputar espaço com ônibus, carro e nem nada
- A relação da cidade com o rio é uma relação meio de amor e ódio, é essa relação que queremos mudar
- Estamos iniciando o processo de recuperação das margens do rio e conseqüentemente estamos expondo o rio a população que certamente pressionará a quem tem direito para o tratamento da parte de água
- Nosso foco do projeto não é a água do rio, nós não temos nem gerência sobre isso, nós prefeitura
- Mas quando você vê, é meio como uma sujeira debaixo do tapete, enquanto eu to vendo o tapete estendido eu não sei o que está sujo, mas quando eu levanto... Isso é meio como um levantar de tapete, eu também acho que isso é muito importante porque nada melhor do que o dono fiscalizando e o dono do rio é o cidadão
- Eu acho que tem vários grupos enxergando o Rio Capibaribe de maneiras diferentes
- Tem desde quem atua diretamente com o rio e aí são vários grupos e tem ainda aquelas pessoas que estão mais alheias sobre isso e que permanecem sem perceber muito essa ação desses coletivos ou disso aí
- Para isso surgiu um outro projeto que também falava sobre o rio, era um projeto audiovisual chamado “Eu quero nadar no Capibaribe e você?”
- E aí foi de uma conversa com os produtores do “Eu quero nadar no Capibaribe e você?” que surgiu a ideia de fazermos uma praia na margem do Capibaribe para projetar esse vídeos
- E foi tão legal que quisemos repetir no outro mês e no outro, no outro etc, e aí faz 6 anos que fazemos praias do Capibaribe
- As nossas ações geralmente são muito enfáticas, muito pontuais, digamos até urbanas ou lúdicas
- Mas o nível mais magro que queremos alcançar é exatamente uma consciência, uma nova cultura de ver a relação do rio, não é só ocuparmos, colocar cadeiras, fazer uma piscina, bolha de plástico no rio, não, é trazer a consciência de resgatar essa relação das pessoas

com o rio, de entender como é o rio

- Nós sempre tentamos articular para ampliar essa conscientização

- Em 2013 fizemos uma parceria com a fundação Joaquim Nabuco e o INCITI e através disso nós conseguimos trazer algumas pessoas de outros países, que trabalham com intervenções urbanas, para estar fazendo um workshop de 15 dias junto com a gente, atingindo mais esse público estudante
- E aí atraiu muita gente que depois começaram a ir em outras ações, a interagir com outras comunidades, então isso foi fundamental da parceria com o Parque Capibaribe e foi a primeira vez que fizemos algo juntos
- Trabalhar esse rio significa reconectá-lo como um corredor ecológico, ligando as florestas com o mangue e trazendo de novo essa relação da cidade com a natureza
- É resgatar de novo essa ligação das pessoas com o rio
- As pessoas estão começando a rever o rio, eles descobrem outro universo quando veem o rio, então estamos num momento agora de reeducação das pessoas em relação a esse resgate do rio
- Dentro do diagnóstico geral encontramos um baobá na beira do rio Capibaribe, nessas áreas que chamamos de encantamento, ou seja, a primeira área a se implementar
- E tinha um muro que colava o tronco do baobá com a ocupação e o baobá ficou prensado com esse muro
- Quando identificamos que isso era ilegal, que tinha que se recuar e o recuo dava em torno de 20 metros por aproximadamente 150 a 200 metros, isso já gerava um território, um jardim
- Quando esse muro saiu e veio para essa distância, descobrimos um espaço e a nossa primeira reação foi convidar as pessoas para usar esse espaço
- Aí convocamos pelas redes sociais um piquenique no baobá e para a nossa surpresa foi um evento extremamente colaborativo, as pessoas telefonaram perguntando se podiam dar aulas de yoga, se podiam contar histórias para as crianças, se podiam vender mel e aí foi um dia, da manhã até a noite de atividades de música, foi extremamente encorajador
- Essas experiências de trazer a comunidade, de conversar com ela, de envolvê-la em vários assuntos durante o fim de semana nos gerou uma nova crítica sobre o nosso próprio projeto
- Uma delas chamou bastante a atenção: vamos reduzir a área construída, ou seja, a área de concreto
- Aí começamos a ter mais delicadeza na intervenção, deixar mais espaços permeáveis, espaços mais livres para ter essa experiência de estar junto da natureza
- É um espaço público, um espaço para nos reinventarmos, se encontrar, se reconhecer, se reconectar com a cidade
- Eu pessoalmente como planejadora tinha muito medo de começar um projeto numa área como essa que tem poucos habitantes no entorno, que são os habitantes que garantem muito o sucesso ao se engajarem e utilizar o espaço
- E para a nossa surpresa o que aconteceu foi que não foram só os habitantes da redondeza, mas pessoas da cidade inteira estavam vindo para cá descobrir o baobá
- O pessoal do INCITI veio com esse projeto de uma praça livre para todos, no meio de um centro urbano, embora uma praça verde, onde você possa trazer sua família, onde você possa estar em contato com a natureza e ficou algo bem legal porque diferente de praças públicas onde você vai e é apenas um visitante, eles trouxeram essa ideia de nós sermos um

degrau da escada do convívio melhor com todos, nós podemos ajudar, pois a sua opinião vale aqui no baobá

- Isso tudo que está acontecendo aqui no baobá está ajudando muito todos e é bem divertido, o pessoal vem pra cá para tirar o estresse do dia a dia, todos vem pra cá, conversam, cantam, fazem o que quiserem, se balançam, sentem o ar, a natureza, olham a nuvens e relaxa fazendo o bem para si e para o próximo também
- O projeto urbano na realidade não é o fim, ele é o início para você ativar e fazer com que essa cidade se aproprie e comece a utilizar esses espaços
- O café surgiu porque estava todo mundo muito medo de andar na rua os vizinhos, assaltando, roubando celular, todo mundo noiado
- Aí todos ficaram em pânico no primeiro momento e eu falei: “Não, tem que ter uma saída, vamos nos juntar”
- Aí como eu já era da associação, convidei todos para fazermos um café na rua para conversarmos sobre esse tema, como reativar o bairro
- Foi assim que começou, para ativar a rua e o tema foi segurança
- E os cafés existem para discutirmos, entre os vizinhos, futuras ações para o bairro
- Olá, bom dia a todos, quem já conhece aqui sabe que eu estou num banquinho e para quem não conhece, essa é a hora para falarmos um pouco
- O café da manhã já é feito há pouco mais de um ano, uma vez por mês e é muito simples, as pessoas já teriam que fazer que fazer café da manhã em casa, faz seu cuscuz, faz seu mungunzá, pega seu pão, faz a sua tapioca, desce de prédio, sai de casa, aí sentamos na rua, discutimos nosso bairro, contamos piadas, queremos saber da vida dos outros, se todos estão bem e aproveitamos esses espaços para discutirmos sobre a nossa cidade
- Nós estamos comemorando a nossa conquista, que tivemos agora no dia primeiro, o prefeito assinou a ação para já começarem as obras com a Oeste Serviços
- Esse trecho que está com a ordem de serviço com início de obras é bem emblemático e muito interessante
- A população das graças, através da associação dos moradores é que tiveram a grandeza de enfrentar o poder público e dizer que o projeto anterior que era carrocentrista não interessava para eles enquanto moradores
- Eu ainda estou sobre efeito da grande emoção que foi a assinatura da OS* ali na Beira Rio, foi fantástico, foi maravilhoso pois nós sabemos o quanto isso foi duro para que conseguíssemos e vamos realmente manter essa suave pressão como foi feita até agora
- Tivemos muita resistência no início, da prefeitura, ela não admitia discutir sobre esse trecho do projeto, estava discutindo o projeto Parque Capibaribe com a universidade pelo resto da cidade inteira, mas aqui para as Graças, tinha que ser um projeto da década de 70 porque já tinha conseguido o recurso do ministério da cidade
- Então batemos de frente, foram mais de dois anos discutindo concepção de projeto e isso para a cidade gerou um impacto, uma imagem de discussão de modelo de cidade
- Quando pensamos em intervenções urbanas
- Aí alguém diz: “Estamos em crise e você quer fazer obra, é difícil, não é prioridade”
- Mas precisamos perceber que as intervenções que a cidade precisa para ser retomada pela população, são intervenções bem menos caras do que as intervenções que o poder público historicamente costuma realizar
- Aqui no caso da Beira Rio das Graças, o projeto da Via Mangue das Graças, o projeto do Minhocão, que fomos contra ele, eram projetos que estavam orçados em pouco mais de 50

milhões de reais

- Esse projeto que conquistamos, custa 20 milhões a menos, então custa muito menos devolver a cidade para as pessoas do que ocupar a cidade com concreto, esse recado precisa ficar
- O ganho que é trago por isso é um ganho gigantesco, isso interfere nas relações humanas, própria sensação de pertencimento das pessoas a cidade, na economia, de várias maneiras tão positivas que o componente financeiro não pode ser levado em conta para impedir que essas intervenções aconteçam, pelo contrário, economizamos recurso público quando trazemos a cidade de volta para as pessoas
- Nós estamos num mundo que se não houvesse engajamento, não teria solução para os espaços públicos, essas experiências tem que começar a acontecer, nós temos que começar a tomar o protagonismo de decidir como nós vamos viver na nossa cidade, de como queremos esses espaços públicos e esse projeto vem abrindo essa perspectiva
- Então é preciso entendermos que essa faixa intermediária do que vem de cima e para baixo e do que vem de baixo para acima é um novo saber, é isso que o Brasil precisa repensar, a sua forma de ocupar, é preciso ser colaborativo nas várias esferas
- Conseguimos provocar pelo menos a reflexão, tendo espaços de usos coletivos na cidade, que você possa encontrar o diferente, que você possa se enxergar no outro e a partir desse olhar nós vamos pensando na cidade, não é algo pronto, é um processo